

GÊNEROS TEXTUAIS EM CENA: reflexões sob a ótica da linguística**TEXTUAL GENRES IN SCENE: reflections under the perspective of applied linguistics****GÉNEROS TEXTUALES EN ESCENA: reflexiones desde la óptica de la lingüística aplicada** Sarah Vasconcellos Marques Almeida¹1. Graduação. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul UEMS. E-mail: sarahvasconcellos1905@gmail.com

ABSTRACT: The National Common Curricular Base (BRASIL, 2018), recognizes the textual genders as fundamental elements for the expansion of communicative competence in a significant way. The study that we now develop brings a reflection about the textual gender for the teaching of Portuguese language with the purpose of discussing the relevance of the textual genders for the development of reading and textual comprehension. For this purpose, we conducted a descriptive study of the language concepts presented in the area of language and in the National Curriculum Parameters of Portuguese Language, as well as presenting the textual genres as an object of teaching in the daily practice of language teaching. Scholars such as: Marcuschi (2002, 2006, 2009); Mendonça (2005) and Bezerra (2005); Dolz and Schneuwly (2004), claim that the textual genres are responsible for enabling students to improve their reading skills. It is a theoretical study subsidized by applied linguistics that focuses its efforts on solving problems related to language. The studies stated that LA makes a link between theory and language teaching, so that textual genres are bridges that contribute to the teaching process.

Keywords: Textual Genres. Types. Applied Linguistics.

RESUMO: A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), reconhece os gêneros textuais como elementos fundamentais para a ampliação da competência comunicativa de forma significativa. O estudo que ora desenvolvemos traz uma reflexão acerca do gênero textual para o ensino de Língua Portuguesa com o fito de discutir a relevância dos gêneros textuais para o desenvolvimento da leitura e compreensão textual. Para tanto, realizamos um estudo descritivo das concepções de linguagem apresentadas na área da linguagem e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, além de apresentar os gêneros textuais enquanto objeto de ensino na prática cotidiana do ensino de línguas. Estudiosos como: Marcuschi (2002, 2006, 2009); Mendonça (2005) e Bezerra (2005), Dolz e Schneuwly (2004), asseveram que os gêneros textuais, são responsáveis para possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência leitora. Trata de um estudo teórico subsidiado pela linguística aplicada que concentra seus esforços em resolver problemas relacionados à linguagem. Os estudos declararam que a LA faz um elo entre teoria e o ensino de línguas, de maneira que os gêneros textuais são pontes que contribuem para o processo de ensino.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Tipos. Linguística Aplicada.

RESUMEN: La Base Nacional Común Curricular (BRASIL, 2018), reconoce los géneros textuales como elementos fundamentales para la ampliación de la competencia comunicativa de forma significativa. El estudio que ahora desarrollamos trae una reflexión sobre el género textual para la enseñanza de Lengua Portuguesa con el fin de discutir la relevancia de los géneros textuales para el desarrollo de la lectura y comprensión textual. Para ello, realizamos un estudio descriptivo de las concepciones de lenguaje presentadas en el área del lenguaje y en los Parámetros Curriculares Nacionales de Lengua Portuguesa, además de presentar los géneros textuales como objeto de enseñanza en la práctica cotidiana de la enseñanza de idiomas. Estudiosos como: Marcuschi (2002, 2006, 2009); Mendonça (2005) y Bezerra (2005), Dolz y Schneuwly (2004), afirman que los géneros textuales son responsables para permitir al alumno el mejoramiento de su competencia lectora. Se trata de un estudio teórico subvencionado por la lingüística aplicada que concentra sus esfuerzos en resolver problemas relacionados con el lenguaje. Los estudios han declarado que el LA hace un eslabón entre la teoría y la enseñanza de idiomas, de manera que los géneros textuales son puentes que contribuyen al proceso de enseñanza.

Palabras-clave: Géneros Textuales. Tipos. Lingüística Aplicada.

Recebido em: 12/07/2025

Aprovado em: 23/08/2025



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Os estudos das teorias linguísticas têm mostrado que o ensino de línguas não pode mais estar desvinculado da realidade social dos sujeitos. Entendemos que uma educação linguística envolve fatores socioculturais, envolve conhecimento e habilidades em lidar com a diferentes linguagens, incluindo o aprendizado das normas de comportamento linguístico que regem a vida dos diversos grupos sociais. Toda essa gama de conteúdos recai no professor e na sua prática pedagógica, provocando indagações como: Como ensinar a língua Portuguesa? Devemos ensinar a norma padrão? Ou ensinar os diferentes usos e funções da linguagem? É necessário resgatar as concepções de linguagem e de ensino de língua?

Nesse sentido, o professor recorre aos Parâmetros Curriculares Nacionais como tentativa de reorientar o ensino de língua e olhar o texto como objeto de ensino considerando não só aspectos da dimensão textual, mas as discursivas, como direção para os estudos de leitura e produção de textos.

O estudo que ora propomos tem a finalidade de discutir relevância dos gêneros textuais para o desenvolvimento da leitura e compreensão textual, e para isso primeiramente, descrevemos uma visão das três principais correntes que nortearam os estudos da linguagem, relacionando com o conceito de gêneros textuais.

Se pensarmos em uma proposta para a educação linguística, a partir dos gêneros textuais, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (Brasil, 1997) parecem dialogar com as pesquisas e estudos contemporâneos sobre o assunto. Toda linguagem se organiza “dentro de um determinado gênero” (Brasil: 1997, p. 26); e que cada um deles se organiza para uma reflexão linguística de situação de comunicação, propondo como conteúdo de Língua Portuguesa, práticas de leitura/escuta e produção de textos orais/escritos.

Para tanto, realizamos um estudo descritivo das concepções de linguagem apresentadas na área da linguagem e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, além de apresentar os gêneros textuais enquanto objeto de ensino na prática cotidiana do ensino de línguas. Estudiosos como: Marcuschi (2002, 2006, 2009); Mendonça (2005) e Bezerra (2005), Dolz e Schneuwly (2004), asseveram que os gêneros textuais, são responsáveis para possibilitar ao aluno o aprimoramento de sua competência leitora.

Concepções de Linguagem e Gênero Textual

O ensino de linguagem no contexto brasileiro tem sido fundamentado em concepções e discutida por diferentes estudiosos da língua portuguesa. Travaglia (2002, p. 21), explica que “[...] o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino”. Nessa ótica podemos inferir que a concepção de linguagem reflete positivamente para uma educação linguística. Por isso, a importância do professor conhecer as diferentes concepções de linguagem, uma vez que, as concepções que vão orientar os modos como se estruturam o ensino da língua.

É sabido que uma das funções da escola está centrada no ensino da leitura, logo, todas as atividades de ensino estão ligadas ao professor, que de certo modo desempenha o papel de mediador do processo de aprendizagem da leitura. Nas formações continuadas sobre o ensino, a temática concepções de linguagem, ganham notoriedade, pois são elas que subsidiam a prática pedagógica.

Dentre os estudiosos da linguística que abordam a temática trouxemos Geraldi, (1997; 2003) que assinala três concepções de linguagem importante para ser observadas no ensino de línguas: *linguagem*

como expressão do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação; e linguagem como forma de interação.

Geraldi (1997, 2003) seguiu a trilha dos pressupostos Bakhtiniano, e por ser filiado a essa concepção bakhtiniana de linguagem, os estudiosos defende o reconhecimento do ensino valorizando a comunicação discursiva, o enunciado, o qual constitui os gêneros discursivos.

A concepção de linguagem *como expressão do pensamento* prioriza os aspectos normativos da língua, o que confunde o sujeito ensina se gramática ou o uso dela? Essa concepção o ponto principal fica expresso numa prática na gramática normativa/prescritiva no processo de ensino e aprendizagem, considerada por Geraldi (2003), como uma concepção de visão restrita da linguagem.

Já a concepção da linguagem como *instrumento de comunicação* a preocupação do professor e ensinar formas de comunicação segundo a intenção dos falantes, ou seja, a presença das funções da linguagem: função referencial, função emotiva, função poética, função fática, função conativa e função metalinguística. Nessa perspectiva, segundo Geraldi (2003) a preocupação está nas habilidades de expressão e compreensão de mensagens, relacionada ao estruturalismo e ao transformacionalismo, bem como à Teoria da Comunicação. Embora essa perspectiva compreenda a língua como um ato social, é muito forte os reflexos do estruturalismo.

A terceira concepção de linguagem *como forma de interação* traz reflexos de Bakhtin (2012), do internacionalismo linguístico, pois a linguagem não pode ser desvinculada das relações sociais. Os sujeitos são os que constroem e produzem sentidos, por isso a linguagem é o um lugar de interação, no qual o sujeito interage com o outro. Diferente das duas primeiras concepções, esta terceira concepção de linguagem define a língua de maneira mais completa.

Qual a relação das concepções de linguagem com os gêneros textuais? Respondendo a indagação podemos refletir que foi a partir dessa interação da linguagem que surge o conceito de gêneros textuais. Por isso, que os gêneros textuais estão inteiramente vinculados às atividades de comunicação, pois quanto maior forem as comunicações maior as quantidades de gêneros aparecem.

Partimos da ideia defendida por Marcuschi (2007) cujo autor defende que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto”. (Marcuschi, 2007, p.22).

Entretanto, embora Marcuschi (2008, p. 147), não considere novos estudos acerca de gêneros textuais, os PCNs (1997, 1998) adotam a concepção de gênero como forma de inclusão e participação ativa do indivíduo na sociedade. Sem negar a importância dos gêneros textuais no ensino de linguagem consideramos importante priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem conforme prevê PCNS:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada. (PCNs, 1998, p. 24).

Quando tencionamos falar dos gêneros textuais em cena sob a ótica da linguística aplicada, a proposta de certo modo se propõe buscar respostas para intercorrências como: como se caracterizava, um gênero textual/discursivo? O que diferenciava texto, discurso e gênero? O que diferenciava um gênero de um tipo textual? E para dar clareza aos estudos dos gêneros textuais recorreremos a Marcuschi (2008), que em toda sua trajetória teve preocupação com uma prática que privilegia a interação verbal e as diversas situações de interlocução. Encontramos em Marcuschi (2008) a explicação para a diferenciação entre

Gênero Textual, Tipo Textual e Domínio Discursivo. Gênero textual de acordo com Marcuschi (2005, p.30) “são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” e exemplifica com carta pessoal, reportagem, e-mail, sermão, receita culinária, bilhete, piada, edital de concurso, diálogo informal, bula de medicamento, resenha, inquérito policial, conversas por computador.

Ensina Marcuschi (2008, p.154) que os tipos são os que apresentam sequências linguísticas chamados de “modos textuais”. São mais limitados que os gêneros por abranger categorias de narração, argumentação, descrição, exposição e injunção. Portanto, nos gêneros textuais há maior flexibilidade, e quantidade incontáveis, enquanto nos Tipos não podemos dizer o mesmo.

Marcuschi (2008) adverte para o fato de um texto pertencer a mais de uma categoria. E destaca o caráter da intergenericidade, um gênero assume a função de outro, por exemplo, um artigo de opinião, pode vir em formato de poema, um texto publicitário pode se apresentar como uma receita culinária, e assim existem diferentes possibilidades.

E a heterogeneidade tipológica acontece quando há presença de mais de um tipo no texto e, geralmente, um gênero não é formado por um único tipo textual. As linguistas Koch e Bentes (2007, p.77) bem explica exemplificando que num conto ou num romance, podemos encontrar “sequências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), sequências descritivas (descrições de situações, ambientes, personagens), expositivas (intromissões do narrador)”, como podemos num manual de instrução “encontrar-se-ão, pelo menos, sequências injuntivas e descritivas, e assim por diante” Por conta dessa hibridização presente nos gêneros textuais Marcuschi (2008, p.166) aconselha olhar para a função exercida pelo texto pois “já que impera o domínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero [...]”.

A literatura mostra ainda a questão da intertextualidade, muito bem expressa por Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 17) apresentando uma distinção entre intertextualidade *lato sensu* e *stricto sensu*. Vincula a primeira como qualquer enunciado é intertextual, pois é resposta a enunciados anteriores. E quanto a segunda vincula quando um “texto está inserido em outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória discursiva dos interlocutores”. O que depõe é que só haverá intertextualidade quando for possível reconhecer a relação com o outro texto de origem.

Com os avanços tecnológicos não é difícil observar na área da linguagem e comunicação o surgimento de novos gêneros textuais. Marcuschi, (2010, p. 20) em atenção à contemporaneidade tecnológica adverte que, “não são propriamente as tecnologias por se que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. [...]” o que faz surgir novos gêneros textuais como “editoriais, artigos, de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mail), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante” Marcuschi, (2010, p. 20).

Os Gêneros em Diferentes Perspectivas

Entendemos ser pertinente abordar sobre as perspectivas do ensino de língua portuguesa por meio dos gêneros textuais, haja vista que ao trabalhar com as práticas de linguagem “oralidade, leitura, escrita e análise semiótica”, trabalha-se também as relações das práticas sociais.

Assim, tivemos diferentes perspectivas para definição de gêneros textuais. Ao pensar pela relação sócio-histórica e dialógica relacionamos com Bakhtin; ao pensar na sociorretórica e sócio-histórica cultural

lemos John Swales, Charles Bazerman; e se pensamos no interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico a atenção deve ser dada a Bernard Schnewly, Joaquim Dolz e Jean Paul Bronckart. Podemos ir mais além e refletir acerca do sistêmico-funcional (Halliday).

A perspectiva de Bakhtin

O filósofo russo Bakhtin desenvolveu uma abordagem inovadora sobre a comunicação verbal, destacando a natureza social e dialógica da linguagem. Para ele, a linguagem não é apenas um sistema abstrato de regras, mas um fenômeno vivo, que se desenvolve na interação entre os sujeitos. Dentro dessa perspectiva, os gêneros do discurso, também chamados de gêneros textuais, desempenham um papel fundamental na comunicação humana.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados que surgem da necessidade de comunicação em diferentes esferas da atividade humana. Ou seja, cada contexto social e histórico dá origem a gêneros discursivos específicos, como conversas informais, cartas, notícias, artigos científicos, piadas, entre outros.

Os gêneros textuais como tipos de textos com características em comum. Inicialmente vistos como conjuntos de propriedades formais fixas e imutáveis adquiriram um caráter normativo, como exemplificado pelas poéticas do classicismo que ditavam a estrutura de tragédias e epopeias. A história literária demonstra uma alternância entre períodos de codificação rígida dos gêneros e momentos de maior liberdade formal e abandono das formas fixas (2011 – p 52).

Bakhtin não propõe produzir uma lista dos gêneros, com a detalhamento de cada estilo, de cada ordenamento composicional, de tópicos temático. Por outra perspectiva, porque as heranças de diversidade dos gêneros são imensuráveis, em razão de que as eventualidades da ação humana são indetermináveis cada elemento de ato possui um repertório considerável de gêneros do discurso. Na prática jurídica, identificamos gêneros textuais como a petição, a sentença, o acórdão e o despacho. Similarmente, no âmbito religioso, encontramos a oração, a fórmula sacramental e o sermão. Contudo, o foco principal reside na compreensão do processo pelo qual os gêneros emergem e se estabilizam, evidenciando a sua forte ligação com uma determinada esfera de atividade.

Outrossim, Bakhtin destaca que os gêneros textuais são tipos de enunciados que possuem uma estabilidade relativa. Essa relatividade é crucial, pois aponta para a necessidade de reconhecer a historicidade dos gêneros, ou seja, a sua capacidade de transformação ao longo do tempo. Isso significa que o conceito de gênero não possui um caráter normativo fixo. Adicionalmente, o termo "relativamente" sublinha a imprecisão inerente às características e aos limites que definem cada gênero.

Por exemplo, a carta, um gênero textual, já passou por diversas transformações ao longo da história, desde o seu formato manuscrito formal até o e-mail informal e instantâneo de hoje. Suas características e fronteiras com outros gêneros digitais são muito mais fluidas do que eram séculos atrás (2011 p 55).

Ele distingue dois grandes grupos de gêneros (2011 p. 58):

1. Gêneros Primários (ou Simples): São aqueles que se desenvolvem na comunicação cotidiana, como diálogos espontâneos, bilhetes e conversas informais.
2. Gêneros Secundários (ou Complexos): São gêneros mais elaborados que surgem em contextos culturais e institucionais mais organizados, como romances, teses acadêmicas, peças teatrais e textos jornalísticos. Os gêneros secundários frequentemente incorporam elementos dos gêneros primários. Por exemplo, um romance pode incluir cartas e diálogos dentro da narrativa.

Os gêneros são recursos para assimilar o concreto. Atuais maneiras de avistar e de conceitualizar o real resulta o surgimento de novos gêneros e a modificação dos já existentes. Simultaneamente, novos gêneros elaboram novas formas de ver a realidade. A aquisição dos modos sociais de fazer leva, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros. Mesmo que alguém compreenda bem uma língua, sentirá contratempos de inserir-se a uma determinada esfera de comunicação se não tiver domínio do(s) gênero(s) que ela necessita. Por essa razão há pessoas que se comunicam perfeitamente, mas são incapazes de envolver-se em um debate público ou de discursar para vários espectadores. A inexistência de entendimento do gênero é a falta de vivência de determinadas atividades de certa esfera.

Uma das contribuições mais importantes de Bakhtin é o conceito de dialogismo. Para ele, todo enunciado é dialógico, (2011 p.28) pois se constrói em resposta a enunciados anteriores e antecipa futuras respostas. Isso significa que os gêneros textuais não são estruturas fixas, mas estão sempre em transformação, influenciados pelo contexto social, histórico e ideológico. Do ponto de vista bakhtiniano, ensinar gêneros textuais não significa apenas ensinar estruturas fixas, mas estimular a participação ativa dos estudantes nos discursos sociais, ajudando-os a compreender a linguagem como um processo dinâmico e interativo.

A perspectiva de Bronckart

Uma das principais contribuições de Bronckart está na concepção dos gêneros textuais como instrumentos sociocognitivos que estruturam a comunicação e o diálogo e a construção do conhecimento. Os textos não são apenas sequências de frases organizadas, mas sim construções discursivas inseridas em práticas sociais, cada uma com sua função de comunicação. Essa perspectiva de visão amplia o entendimento dos gêneros textuais além de suas características formais, destacando sua importância na interação e no desenvolvimento das capacidades linguísticas falantes.

O autor propõe um modelo de análise textual que enfatiza a arquitetura dos textos. Considerando três níveis fundamentais:

1. Plano global do texto – corresponde à estrutura do gênero textual, incluindo sua finalidade e organização.
2. Mecanismos de textualização - envolvem os recursos linguísticos usados para garantir coesão e coerência, como conectivos, tempos verbais e pronomes.
3. Marcas enunciativas - referem-se aos elementos que indicam a posição do autor no texto, como modalizadores e vozes discursivas.

Esses princípios são fundamentais para o ensino da leitura e da escrita, pois permitem que os educadores auxiliem os estudantes a compreenderem e produzir textos adequados a diferentes contextos comunicativos. Sua abordagem também reforça a importância da interação social na aprendizagem da linguagem, influenciando práticas pedagógicas voltadas para o ensino dos gêneros textuais em diversos níveis de ensino.

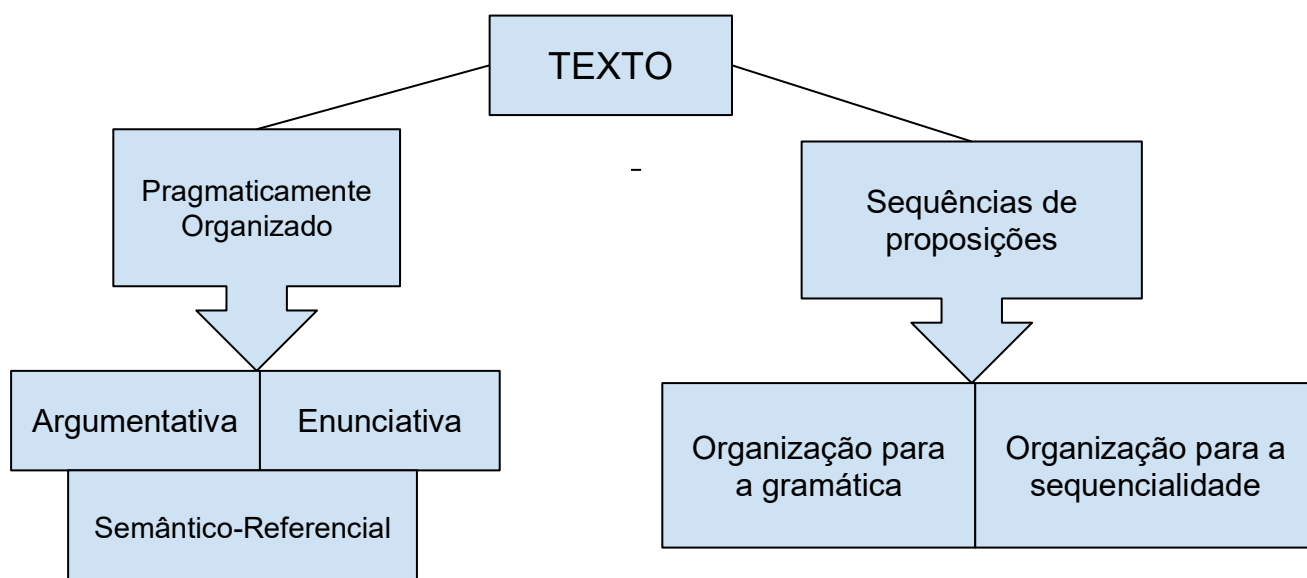
A finalidade do autor é evidenciar os preceitos epistemológicos que fundamentam seus trabalhos na ciência da linguagem, mais precisamente sobre gêneros de texto, dialogando, assim, com os trabalhos de Adam e justificando suas próprias escolhas terminológicas e metodológicas.

A perspectiva de Adam

A Teoria de gêneros textuais de Jean-Michel Adam é uma abordagem linguística que busca compreender como os textos são estruturados e funcionam em diferentes contextos comunicativos.

Adam (2011) preconiza que os gêneros primários sejam vistos como tipos essenciais e responsáveis pela estruturação dos secundários. Os gêneros primários são componentes textuais que transitam os gêneros secundários. Os gêneros apresentam situações sociais típicas e são sobretudo heterogêneos, as sequências são componentes que atravessam tipos os gêneros e um grupamento de tipos (tipologia).

O esquema a seguir sintetiza essa nova ideia de texto postladopo Adam (2009): Plano Organizacional textual:



Segundo o teórico, o texto é pragmaticamente organizado composto por três dimensões; argumentativa, enunciativa e semântico-referencial em que a primeira se compreende com as representações do interlocutor. A segunda infere ao texto uma tonalidade enunciativa de discurso oral. E a terceira a semântica tópico discursivo é configurada pela macroestrutura semântica.

Sendo assim o texto com uma sequência de proposições é composto por duas dimensões conectividade em que cada posição é morfológicamente estruturada e a sequencialidade com relação a sequência textual. Adam (2009) diz que a sequencialidade é o único plano de organização considerado uma base de tipologia.

As funções dos gêneros textuais segundo Adam são divididas em três: a comunicativa que tem a função de transmitir informações ou mensagens, a interativa que estabelece relações entre o autor e o leitor. A cognitiva que organiza e processa informações. Dentre eles citaremos alguns exemplos: i) narrativo: conto, romance, biografia; ii) descritivo: poema, descrição de produto; iii) argumentativo: dissertação, editorial e iv) injuntivo: receita manual de instruções.

Em concordância com o conceito bakhtiniano de heterogeneidade composicional dos enunciados, Adam (2009^a) procura uma abordagem única para estrutura sequencial dos termos.

À vista disso, “definir o texto como uma estrutura sequencial permite abordar a heterogeneidade composicional em termos hierárquicos muitos gerais” (Adam, 2009^a p.122). A sequência como unidade componente do texto é composta por blocos de proposições, denominadas de macroposições (Adam, 2009^a. p. 123).

De um modo geral, a sequência argumentativa vale em aproveitar-se de recursos linguísticos para persuadir o interlocutor de uma determinada afirmação. Tencionando validar ou contradizer uma tese, o locutor de premissas. Nem sempre explícitas, e tenta mostrar que não se pode admitir tais premissas (Ducrot, 1980).

Ainda assim, Adam (1992) ressalta a expressa diferença entre argumentação e a unidade composicional denominada sequência argumentativa. Conforme o teórico, a argumentação pode ser concebida no nível dos discursos e da interação social, podendo ser concebida como mais uma função da linguagem.

Considerações Finais

Em suma, a análise dos gêneros textuais sob a perspectiva da Linguística Aplicada revela a sua natureza dinâmica, funcional e intrinsecamente ligada às práticas sociais e comunicativas. Longe de serem categorias estanques e normativas, os gêneros textuais emergem, estabilizam-se e transformam-se em resposta às necessidades e aos contextos de interação humana.

Podemos permear entre vários autores que contribuíram nas diversas formas de compreendermos os gêneros textuais para serem utilizados em diferentes ambientes comunicativos quer sejam verbais, não verbais e mistos. Analisamos as habilidades de uso das linguagens que são essenciais.

A visão bakhtiniana, que enfatiza a historicidade e a relativa estabilidade dos enunciados genéricos, é fundamental para compreendermos que os gêneros não são meros recipientes de conteúdo, mas sim formas ativas que moldam a produção e a recepção dos textos. A imprecisão de suas fronteiras e características reforça a ideia de que são fenômenos fluidos e adaptáveis.

A Linguística Aplicada, ao colocar os gêneros "em cena", ou seja, em seu contexto de uso real, permite uma análise mais rica e relevante para diversas áreas, como a educação, o direito e a comunicação. Compreender como os gêneros operam em diferentes esferas de atividade nos ajuda a desenvolver práticas pedagógicas mais eficazes, a interpretar documentos jurídicos com maior precisão e a produzir mensagens comunicativas mais adequadas aos seus propósitos e audiências.

Portanto, o estudo dos gêneros textuais sob a ótica da Linguística Aplicada nos convida a ir além de classificações formais, buscando entender a sua funcionalidade, a sua evolução histórica e a sua intrínseca relação com as atividades humanas. Essa perspectiva dinâmica e contextualizada enriquece nossa compreensão da linguagem e de seu papel fundamental na construção e na organização do nosso mundo social.

Referencias

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 476 p. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007. 215 p.

- _____. BAZERMAN, C. **Gêneros, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006. 144 p.
- _____. BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Judith C. Hoffnagel; Ângela P. Dionísio (Orgs.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BAZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. 167 p.
- BHATIA, Vijay K. **Análise de gêneros hoje**. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (1ª à 4ª série)**. Brasília, 1997.
- _____. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa (5ª a 8ª série)**. Brasília, 1998.
- BRONCKART, JEAN PAUL **As unidades semióticas em ação : estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo** / Jean-Paul Bronckart, Ecaterina Bulea Bronckart ; organização Eliane Gouvêa Lousada, Luzia Bueno, Ana Maria de Mattos Guimarães.– Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017. – (Série Ideias Sobre Linguagem).
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.
- CARVALHO, G. DE. **Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação**. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Ed.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130-149.
- FIORIN, JOSÉ LUIZ. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo : Ática, 2011.
- _____. **Inclui bibliografia comentada: 1. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975.**
- _____. **Linguagem e línguas-Filosofia. Análise do discurso. Análise do diálogo.Intertextualidade. I.** Título.
- KOCH, I. G. V. BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998. pp.1-107.
- MARCUSCHI, LUIZ ANTÔNIO. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

_____. MARCUSCHI, L. A. **Linguística textual: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Ensino Médio. Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 2000. pp. 1-71.

SCHNEUWLY, BERNARD; DOLZ, JOAQUIM. “**Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino**”. In: Revista Brasileira de Educação. No. 11. Mai/jun/jul/ago 1999. pp. 5-16 Paulo: Parábola, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.